

A ARTE DA MODELAGEM DAS GEMAS E ARTEFATOS DE USO COTIDIANO DOS ANTIGOS POVOS QUE COLONIZARAM A BACIA AMAZÔNICA.

Collyer, T¹.; Sóstenes, S.; Amaro G¹.; Resque, A. C.; Vasconcelos, M¹.; Brito, M¹.

¹Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Pará; ²Secretaria de Estado de Cultura do Pará/Sistema Integrado de Museus.

No Estado do Pará a região compreendida entre a foz do rio Amazonas e o Baixo Amazonas, os muitos sítios arqueológicos ricos em artefatos, verdadeiras gemas arqueológicas, carecem de mais estudos para o seu melhor entendimento histórico/cultural. Refletem a ocupação de antigos grupos humanos, desde o Pleistoceno até as civilizações ceramistas Marajó, Konduri e Tapajó, sendo identificáveis nas áreas pelos Tesos e Terra Preta Arqueológica. Os artefatos citados neste trabalho pertencem à Secretaria de Cultura do Estado do Pará, a alguns moradores dessa região ou a coleções particulares. São todos provenientes da foz dos rios Nhamundá, Trombetas, Cachorro, Erepecurú, Curuá e Cuminá, dos campos gerais acima do paralelo 0º, do lago Sapucuá, município de Oriximiná e local de origem da lenda das Amazonas. Alguns exemplares provêm da foz do rio Caxueri, município de Juruti e da Lagoa Piraiuara, no município de Óbidos. Atualmente essa região ainda conta com os indígenas Tirió, Kaxuyana, Tunayana e Kahyana, onde são encontrados os famosos amuletos muiraquitãs, contas e ídolos amazônicos, pontas de flechas, batedores, lâminas de machado, cortadores, pederneiras, escavadores, moedores e socadores, verdadeiras jóias e raros adornos da arqueologia amazônica. Na confecção dos muiraquitãs, contas e ídolos, foram utilizados minerais e rochas regionais, além da jadeita, nefrita, actinolita, cloromelanita e da magnesita. Entre as rochas, destacam-se os granitoides que serviram para a confecção dos batedores, amoladores, moedores, além das rochas vulcânicas, cuja textura afanítica, tornou-as adequadas às atividades de corte e fogo dos cortadores, pederneiras, cinzéis e lâminas de machado. Em geral a maioria dos artefatos foi moldada nas rochas do Super Grupo Iricoumé (riolitos, riolacitos, andesios), do Granito Mapuera, do Grupo Urupadi (arenitos, jaspelitos e siltitos), da Formação Curuá (folhetos e siltitos), do Grupo Tapajós (arenitos, margas e calcários), do Diabásio Penatecaua, além do Nefelina Sienito Cachorro, excelente matéria-prima para os adornos, rochas ornamentais e artefatos líticos. A análise dessas gemas e artefatos, cujas técnicas de abrasão, picoteamento e polimento são primorosas na confecção dos ídolos, adornos ou amuletos, constata a existência de um conhecimento das principais propriedades mineralógicas/petrológicas das rochas e minerais, *desde os primeiros caçadores e coletores do Pleistoceno Tardio, até as Civilizações Ceramistas Amazônicas Marajó, Tapajó e Konduri*. Seria um conhecimento herdado e aperfeiçoado? A observação desses artefatos na Bacia Amazônica também sugere uma relação etnológica e gemológica profunda com muitos daqueles encontrados em sítios da América Latina, em particular a Andina, fato reforçado pela presença de muiraquitãs, contas e ídolos, confeccionados em minerais não encontrados na Amazônia brasileira, sob a forma de depósitos com grandes cristais ou aglomerados. Esses minerais são, entretanto, abundantes em regiões como Pijao/Quindio e San Piedro de la Sierra, costa norte Colombiana, tradicionais produtoras de magnesita, actinolita, nefrita e jadeita, além das regiões de Margarita, Nueva Esparta e Manzanillo na Venezuela e Santiago de María, na República de El Salvador. Por outro lado, as formas semelhantes de muitos muiraquitãs com as de alguns machados, sugerem uma tendência formal, cultural ou mesmo facilidade no processo de abrasão e polimento.

GEMOLOGIA, ARQUEOLOGIA, GEODIVERSIDADE.